



AS PRINCIPAIS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR: UMA ANÁLISE COM ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE ENSINO¹

Rosiléia Castro Pereira²
Adriana da Silva Dias³

RESUMO

Este artigo aborda sobre a evasão escolar no Ensino Fundamental da rede pública de ensino. Nos últimos anos o tema faz-se presente em diversas articulações dentro do contexto da educação, por causa do aumento da evasão escolar no nosso país. Tendo em vista estes aspectos, este trabalho concretizou-se por meio de pesquisa bibliográfica e de campo com o intuito de analisar, identificar e compreender as causas que colaboram para a evasão escolar. A priori foi realizado um levantamento de indicadores sobre a evasão escolar no Brasil, posteriormente um estudo acerca da educação brasileira nos últimos anos e, dessa forma, realizada uma pesquisa de campo, onde foi efetuada as entrevistas com os professores e os estudantes nas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal de São Luís – Maranhão. Nesse sentido, a pesquisa de campo foi fundamental para identificarmos e compreendermos as causas que corroboram para a evasão escolar: fatores socioeconômicos familiar, estrutura arquitetônica da escola, drogas e violências, metodologias de ensino inadequadas, dentre outros. Mostrou-nos também a importância da aproximação entre escola e família para o acesso, permanência e sucesso dos estudantes na escola.

Palavras-chave: Evasão Escolar, Causas, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A evasão escolar ainda é um fenômeno vigente no sistema educacional brasileiro, em que dados apontam que houve um aumento da evasão dos estudantes da escola pública nos últimos anos. De acordo com indicadores de Brasil (2012) o abandono escolar é remanescente

¹ Artigo baseado em resultados finais de um Relatório de Pesquisa da Disciplina Prática Curricular na Dimensão Educacional do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. São Luís/MA. Brasil.

² Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Luís/MA. Brasil. Autor principal Email: rosileia019@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Luís/MA. Brasil. Coautor Email: adrianadias93@gmail.com;



de quando a criança está começando sua vida escolar em “uma taxa que varia entre 1,4% e 1,7% entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental. Mas, é no segundo ciclo escolar que esse fenômeno ganha maiores indicadores. Nesse sentido, o índice mais alto foi registrado no 6º ano (4,6%), caindo para 4,3% no 9º ano, última série da etapa.”

Conforme Qedu (2016) baseado em dados do Mec e Inep (2016) as escolas públicas urbanas e rurais do Brasil, no 6º ano do ensino fundamental, tem o índice de aprovação de 80,6%, abandono 3,7% e reprovação 15,7%. Sendo o maior índice de abandono e reprovação em comparação ao 5º ano, em que a aprovação é de 90,8%, abandono 1,4% e reprovação 7,8%. Nesse contexto, a reprovação acima de 5% indica a necessidade de definir estratégias para conter o aumento da evasão escolar.

Conforme dados do IBGE (2017) apesar do amplo acesso à escola, em 2017, 95,5% das crianças de 6 a 10 anos estavam nos anos iniciais do fundamental, enquanto 85,6% das pessoas de 11 a 14 anos de idade frequentavam os anos finais. Nessa faixa etária, 1,3 milhão de pessoas estavam atrasadas e 113 mil estavam fora da escola.

Segundo Brasil (2012) o abandono se caracteriza quando o aluno deixa de frequentar as aulas e ‘perde’ o ano, diferentemente da evasão que ocorre quando ele abandona os estudos e não retorna no ano seguinte. Nessa perspectiva, sabendo que a evasão escolar é um tema que historicamente ganhou novos cenários durante os últimos anos, é viável questionarmos a importância da qualidade da educação brasileira e o papel dos profissionais da educação acerca dos principais fatores que levam à evasão escolar.

Nesse contexto, foi através dos indicadores encontrados nas plataformas da educação no Brasil sobre evasão escolar, e, por meio das discussões em sala de aula acerca das lacunas do sistema educacional que estamos imersos, que deu-se o despertar em estudar a temática, assim como, compreender os contextos que a envolvem, assim, identificando suas causas e efeitos.

Desse modo, em face ao exposto, este trabalho discorre apresentando um levantamento bibliográfico e os resultados finais de uma pesquisa de campo com os estudantes e os professores de uma escola da rede pública de ensino, em que teve como objetivo analisar as principais causas da evasão escolar dos estudantes nas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. Assim como identificar se a escola tem ações que colaboram para o acesso, a permanência e o sucesso escolar, bem como conhecer a percepção do corpo docente, gestão e estudantes acerca da evasão escolar.



Portanto, baseado nos resultados da pesquisa, certificamos que as causas da evasão escolar está interligada, a saber, fatores socioeconômicos da família dos estudantes, contexto social em que a escola está inserida: drogas e violências, e sobretudo, precariedade da estrutura física das escolas públicas, falta de estratégias na prática pedagógica que desemboca no ensino mecanizado sem considerar as especificidades e os contextos formativos dos estudantes. Além disso, com as baixas condições socioeconômicas, muitos adolescentes têm a necessidade de trabalhar muito cedo para ajudar seus pais no sustento da casa, o que acaba comprometendo seu rendimento na escola, ou, provocando até mesmo a evasão.

METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho a princípio, a metodologia adotada foi de pesquisa bibliográfica que “é desenvolvida com base em material já elaborado.” (GIL, 2002, p. 44). como: livros, revistas, jornais, sites etc..., para o entendimento do tema e elaboração da fundamentação teórica. Através destas leituras e reflexões foi possível analisar as principais causas que corroboram para evasão escolar.

Por outro lado, foi realizada a pesquisa de campo com abordagem qualitativa - descritiva que, ainda de acordo com o autor, “as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então, estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL 2002, p.42).

Sendo assim, o instrumento usado para a coleta de dados foi através de um questionário aberto e fechado executado com o corpo docente, gestão e alunos (as) do Ensino Fundamental, turno vespertino em uma escola municipal de São Luís – MA. O questionário, segundo Gil (2002, p, 128), pode ser definido como “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Dessa forma, o instrumento de pesquisa foi aplicado com os 37 alunos do sexto ano, em idade de 11 a 15 anos, 4 professores com idade de 27 a 49 anos e o Coordenador Pedagógico com idade de 50 anos. Cada questionário era composto por perguntas ligadas à evasão escolar e outras que traçavam identificar o perfil e as percepções dos entrevistados.

REFERENCIAL TEÓRICO



A evasão escolar não é uma temática de ascensão do século XXI, houve outros momentos que as articulações sobre o assunto vieram à tona, mas atualmente está mais fecunda em diversos ambientes educacionais no Brasil, relativamente ligada às políticas públicas brasileiras, ambiente familiar, condições socioeconômicas, etc. Segundo Perrenoud (2001, p. 15) “a realidade resiste, temos de enfrentar a complexidade dos processos mentais e sociais, a ambivalência ou a incoerência dos atores e das instituições, as flutuações da vontade política, a renovação dos currículos e das didáticas, as rupturas teóricas e ideológicas”.

Ao falarmos de educação não podem ser esquecidas, as lutas populares para alcançar o seu acesso. O Brasil sempre esteve atrás dos países europeus em relação à educação, pois segundo Aranha (2006, p.230) “no século XIX ainda não havia propriamente o que poderia chamar-se de pedagogia brasileira”. Segundo essa mesma autora somente com a chegada da Família Real que começou a surgir as escolas, mas, nessa época nem todos tinham acesso à educação.

Nesse século a sociedade ainda era escravocrata e não possuía políticas educacionais, pois viviam de sua força de trabalho e a escolarização não era vista como algo que melhoraria sua vida. Entretanto, muitos movimentos ocorreram para que a educação se tornasse direito de todos, devido aos acontecimentos da época, como o início da República, o fim da escravidão, o avanço do capitalismo e conseqüentemente o processo industrial que exigiu mão de obra qualificada e isso ficou a cargo da Escola.

De maneira geral, as propostas educacionais do século XIX reafirmaram, no século XX, a necessidade da escola pública, leiga, gratuita e obrigatória. Esta exigência tornou-se mais premente devido ao crescimento das indústrias e à exploração demográfica. Apesar da efetiva extensão dos programas de atendimento, as medidas tomadas pelos governos ainda são insuficientes, principalmente nos países em desenvolvimento. (ARANHA, 2006, p.246).

Percebe-se que os avanços educacionais seguem a passos lentos, e no Brasil não era diferente. Santos (2001, p.09) cita uma pesquisa realizada por Parahyba (1981), em que demonstra que no Brasil, “na década de 60, de cada 1.000 crianças matriculadas, apenas 180 chegariam a concluir o 1º grau. As taxas mais altas eram encontradas na passagem da 1ª para a 2ª série, chegando a 50% de evasão”.

Conforme Santos (2001, p. 10 apud VELLOSO, 1999 e MELLO 1995):

No início da década de 70 o Brasil viveu um período de intensas e profundas reformas na educação nacional. A pressão social por melhores condições de acesso a uma educação básica de qualidade levou à reforma de 1971, reforma que substituiu a escola primária tradicional de 4 séries pela escola fundamental de 8 séries obrigatória e gratuita. Houve, então, um acelerado processo de escolarização das crianças das classes populares, principalmente na década de 80, tornando-se praticamente a clientela exclusiva da rede pública de ensino. Nessa década, a evasão na faixa de 7 a



14 anos se aproximou a 76 milhões, o que equivale a 33% do total, dos quais 2,8 milhões do meio urbano e 4,8 milhões. Em 1985, no Nordeste haviam 30,75% dos alunos matriculados no 1º grau com mais de 14 anos de idade. Nesse mesmo ano haviam 1.832.295 crianças de 7 a 14 anos fora da escola. A abandonaram após uma média de 6,7 anos dentro do sistema.

Nesse contexto, a evasão é um problema histórico que vem se intensificando, pois a educação não foi pensada inicialmente para as classes mais pobres, o que leva as crianças oriundas dessas classes a enfrentar uma série de problemas para manter-se no sistema educacional. Estudos pautados na busca de saídas para resolver esse problema, demonstram que o ensino não leva em consideração as diferenças sociais, psicológicas e culturais dos estudantes.

Segundo Freire (1996, p.33) “pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos.” Poucas crianças são limitadas pelo desenvolvimento intelectual, em maioria elas são capazes de aprender do mais simples ao complexo, desde que ajustemos recursos do momento a situações didáticas, próximo da sua realidade.

A Constituição de 1988 no Artigo 205 ressalta “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E o Artigo 206, “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”

Mas, apesar da lei, a realidade ainda bem diferente na prática, principalmente nas regiões mais pobres, como o Nordeste, em que muitas crianças ainda tem dificuldade no acesso à escola, como é o caso das zonas rurais, o poder público não investe nas estruturas educacionais. Crianças se veem na necessidade de se deslocar do seu lugar de origem para outro em busca de escolas. São dificuldades enfrentadas que desemboca na ausência de estímulo para dar continuidade à vida estudantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola em estudo tem cinco salas de sexto ano, destas, apenas duas participaram da pesquisa com um total de 37 alunos. As perguntas fechadas tinham como objetivo a identificação dos sujeitos, como: sexo, idade, se residia no mesmo bairro que estudava e se ajudava na renda familiar. Dos 37 (trinta e sete) alunos entrevistados 19 (dezenove) relataram ajudar na renda familiar, ajudando os pais com vendas em feiras, etc. Os outros 16 (dezesseis)



afirmaram não exercer nenhuma atividade que seja para auxiliar na renda da família. Nesta perspectiva Neri (2009) explicita que

Grande parte da evidência empírica mostra que evasão escolar e pobreza estão intimamente relacionadas e que trabalho infantil prejudica a obtenção de melhores níveis educacionais. Pode-se argumentar que a indisponibilidade de serviços educacionais de qualidade e a falta de percepção acerca dos retornos futuros levam o aluno ao trabalho precoce e aos baixos níveis educacionais. (NERI, 2009, p.20).

Nesse sentido, trabalhar e estudar torna-se um desafio para o aluno, levando-o a repetência e conseqüentemente ao desinteresse pelo estudo. Na perspectiva de Paro (1996), a população de nossas escolas apresenta problemas relacionados à desnutrição, fome, carência cultural afetiva, falta de condições materiais e psicológicas para o estudo em casa, necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico, entre outros. Durante a pesquisa os estudantes ao serem questionados sobre o que achavam da estrutura da escola que estudavam, 73% conceituaram como péssima, 16% regular e 11% definem como boa, segue alguns relatos:

Péssima, banheiro sujo dividimos o banheiro com os meninos, água quente, luz queimada, quadros péssimos todo enferrujado e teto caindo. (Aluno 04);
Péssima, porque na escola não tem alguns professores isso afeta nossa educação e poucos ventiladores. (Aluno 25);
Regular, porque a escola tem muita violência, tem muitas coisas que falta na escola, nas salas de aulas e muito mais. (Aluno 28);
Boa. Gosto da escola ela é muito boa. (Aluno 10).

Por outro lado, 50% dos professores avaliaram a estrutura da escola como péssima e os outros 50% como regular, assim, destacam:

Temos salas quentes com pouca iluminação, quadra de esporte com telas quebradas, quadros deficientes, banheiros entupidos com odor desagradáveis, entre outros. (professor A);
Regular (professor B);
Ruim, salas escuras, extremamente calorentas, só um ventilador (mal) funciona; quando chove as salas ficam cheias de água além disso, nunca consegue usar data show, computador. (professor C);
Regular - Falta ventilador, ar-condicionado, biblioteca estruturada, sala de informática, etc. (professor D).

Já para o coordenador pedagógico da escola:

A estrutura da escola é bem ruim, as salas são escuras, pouca ventilação, telhado precisando de reparos e outros, quadro de giz inadequado...

O ambiente escolar dos alunos da escola pública, localizada na periferia não é culturalmente favorável ao sucesso escolar, diferente da classe mais abastada, em que as escolas são comumente mais estruturadas as necessidades dos alunos. Nesse contexto, Perrenoud (2001, p. 18) afirma que “ao tratar todas as crianças como ‘iguais em direitos e deveres’, conforme a expressão de Bourdieu (1966), a escola transforma diversas diferenças e desigualdades em fracassos e sucessos escolares.”



Segundo o Mec e Inep (2014), na zona rural, 8,13% da escola não possuem energia elétrica, 11,6% não têm esgoto sanitário e 9,6% não tem abastecimento de água. Na zona urbana, esses percentuais são 0,0% (apenas 2 escolas), 0,2% e 0,3% respectivamente; 78,8% dos alunos de escolas urbanas tem acesso à biblioteca ou sala de leitura. A situação dos alunos da zona rural é diferente, 32,8% deles têm acesso a esses espaços na escola que estudam. Foi direcionado a seguinte pergunta para os estudantes: como é o seu relacionamento com o professor? Justifique

Mais ou menos. Por que são alguns ignorantes. (Aluno 02);
Bom. Até que ela são legal. (Aluno 05);
Boa. Menos com a professora de ciência porque nos xinga. (Aluno 09);
As professoras são muito legais. (Aluno 10);
Ótimo com todos, mas na escola não temos professor de história e o de matemática falta muito. (Aluno 19);
A professora é legal além dela nos ensinar os alunos elas perguntam o que está acontecendo em casa, na rua e na escola. (Aluno 25);
Legal, Tem uns que são bacanas mas tem uns que são chatos. (Aluno 26);
Péssima, só gosto de uma professora que é educação física. (Aluno 31);
Ruim. Porque eles xingam a gente. (Aluno 32).

De acordo com Lopes (2018), “certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo dependerão os avanços e as conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola.” Na escola é primordial uma relação positiva entre professor-aluno para que o processo de ensino e aprendizagem ganhe um caráter emancipatório, sobretudo, faz-se necessário a presença do diálogo, onde o professor assume o papel de mediador na prática educativa. (FREIRE, 2005).

Ao questionar os estudantes: você gosta da metodologia usada pelo professor?

Mais ou menos, porque tem alguns professores bons e alguns ignorantes. (Aluno 02);
Sim. Porque a gente precisa aprender. (Aluno 04);
Sim. O ensino péssimo, mas nós não temos professor de história. (Aluno 05);
Boa, menos com a professora de ciência porque nos xinga. (Aluno 09);
Não, Deveria mudar muito tem professor que gosta de ensinar e tem professor que não. (Aluno 12);
Sim, Ele explica muito bem, e a metade porque os outros não tem calma. (Aluno 14).

A luz de Santos (2001, p. 24) “é a questão de inadequação do currículo, da falta de atuação e interesse por parte do professor, da distância da escola, que podem também influenciar os alunos a frequentarem e estarem motivados pelas aulas”. No que se refere a reprovação, fizemos ambas perguntas: você já repetiu de ano? como se sentiu? 38% dos estudantes afirmaram terem passado pela repetência no ciclo escolar, assim, justificam-se

Sim, Eu me senti muito péssimo. (Aluno 01);
Sim, muito péssima e muito lá embaixo. (Aluno 02);
Sim, Péssima, foi minha primeira vez, ai eu fiquei triste e deveria me esforçar mais. (Aluno 04);
Sim, Por que eu não sabia ler. (Aluno 07);



Sim, Me senti muito triste e fiquei com medo de reprovar de novo, mas não reprovei. (Aluno 29);
Sim, Só uma vez eu me senti bem eu tive outra chance ano que vem. (Aluno 31);
Sim, Porque faltava muito. (Aluno 32);
Sim, Muito muito péssimo. (Aluno 33);
Sim, muito mal porque meus colegas estavam passando e eu estava ficando. (Aluno 34);
Sim, Já duas vezes no sexto. (Aluno 35);
Sim, no começo me senti triste e estranho porque as turmas do quinto ano que eu já conhecia ficou na mesma sala que eu. (Aluno 36).

Observa-se a sensação de culpa por parte desses sujeitos, mas, nem sempre era o resultado desejado por eles, por outro lado, não existe uma reflexão crítica em relação aos fatores que contribuíram para a sua repetência, apenas sentiram-se inapto e culpados. Na contrapartida Bourdieu (2012) considera que a escola é mera reprodutora das desigualdades sociais, e o sistema educacional está devidamente programado para deixar a classe menos favorecida no seu lugar, podendo destacar a cultura como exemplo essencial dessa desigualdade. As chances existem, mas de forma bem específica, sendo “sempre” coercitiva, e para o autor essa ação é caracterizada de violência simbólica.

Para tanto, ao questionar os estudantes: do seu ponto de vista, qual o principal motivo que leva os estudantes a evadir precisamente os dos sextos ano? responderam que

Muitas vezes eles saem porque se envolvem com gente que não presta e acabam saindo. (Aluno 05);
Eu acho assim porque é achar melhor ficar na rua do que dentro da escola porque tem gente que não gosta do professor ou porque não mais mesmo ir pra escola. (Aluno 14);
Eu acho porque várias crianças passam dificuldades em casa. (Aluno 17)
Morar longe, falta de materiais escolares e etc. (Aluno 18)
A escola toda pinchada o lanche é de dois dias, o banheiro todo fedorento e a telha da quadra está caindo, etc. (Aluno 19)
A estrutura da escola é muito ruim é muito perigosa e já teve tiro dentro da escola. (Aluno 34);
Por ter muita coisa ruim ter professores que faltam muito e muito mais. (Aluno 28);
Porque ele repetiu de ano três vezes e não podia repetir. (Aluno 27).
A violência na escola. (Aluno 30).

Já os professores afirmaram que

Um dos principais motivos é o envolvimento do aluno com o crime e a dificuldade do responsável em contornar a situação, fazer esse resgate, pois, a ausência dos pais tem contribuído para o afastamento do aluno. A escola por sua vez não consegue desenvolver seu papel social. (professor A);
O controle dos pais em acompanhar seus filhos na escola (professor B);
Falta de estrutura familiar/problemas familiares (em geral, são crianças que moram com os pais, ou estes não têm tempo para acompanhá-los, ou são envolvidos com drogas/criminalidade, etc) (professor C);
Muitos alunos são para ajudar os pais para ajudar no orçamento da casa, com seu trabalho. (professor D).

Para o coordenador pedagógico o que leva o aluno a evadir é:



Desinteresse do aluno nas atividades, não acompanha o ritmo da turma, falta de acompanhamento da família, envolvimento do aluno em facções criminosas.

Percebe-se que a violência, um ambiente não favorável para estudar, o posicionamento e a falta de professores e, até mesmo a repetência de ano, faz com que o aluno deixe de estudar. Para Ferreira (2001, p. 33), “a evasão escolar se verifica em razão da somatória de vários fatores e não necessariamente de um especificamente. Detectar o problema e enfrentá-lo é a melhor maneira para proporcionar o retorno efetivo do aluno à escola”. Seguindo o pensamento desse autor pode-se dizer que as causas da evasão não se firmam em único ponto e por isso a responsabilidade em combater este fenômeno firma-se em um tripé: escola, família e Estado.

Mas, a partir que esses sujeitos tem acesso à escola, e a família não consegue, ou não possui estrutura para acompanhar a vida estudantil dos seus filhos, a escola deve realizar ações que estimule e assegure permanência dos educandos, assim como, propor estratégias de acordo com as políticas públicas vigentes da educação, para assim, difundir e consolidar o conhecimento científico, respeitando e valorizando os contextos socioculturais desses sujeitos, dessa forma, promovendo um ensino de qualidade e inclusivo à todos, independente da classe, fator socioeconômico, cultura, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, através desse estudo foi possível certificar que a evasão escolar é um dos grandes problemas enfrentados pela nossa educação desde outros tempos até os dias atuais. Além disso, identificamos que as principais causas da evasão escolar são, por exemplo, a estrutura arquitetônica da escola, professores sem formação continuada, má qualidade de ensino, falta de material didático, metodologias inadequadas, necessidade desse estudante trabalhar para garantir o seu sustento ou o sustento familiar, a relação familiar, a desmotivação do próprio estudante, contexto social que o estudante está inserido, a localização da escola (periferia) e o envolvimento do aluno na criminalidade.

Apesar do coordenador pedagógico e dos professores apontarem que a escola realiza algumas ações para fomentar a permanência dos estudantes, tais como: reuniões com os pais, metodologias atrativas, projetos e etc. Seria oportuno propor e desenvolver projetos nessa escola, na qual fosse pensando nas dificuldades desses estudantes e, que possibilitasse o desenvolvimento dos seus saberes.



Portanto, para alcançar uma redução significativa da evasão escolar faz-se necessário mais estudos e atenção acerca dessa temática. Entretanto, essa atenção torna-se importante tanto para o sistema educacional, assim como, para os atuais e futuros docentes, pois, conscientes das causas que levam à evasão, é possível na prática educativa buscar meios de intervenção consistentes.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 outubro de 1988. **Legislação-Ministério da educação**. Disponível em: <[http:// portal. mec.gov.br](http://portal.mec.gov.br)>. Acesso em: 11 mai. 2020.

BRASIL. **Índice de abandono escolar é três vezes maior o 6º ano do ensino fundamental 2012**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. - 11ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FERREIRA, L. A. M. **Direito da criança e do adolescente: direito fundamental à educação**. Presidente Prudente – SP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 42ª edição.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da Educação Básica 2017**. Disponível em: <<http://www.ibge.br>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

LOPES, R. C. S. **A relação professora aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: <<https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

_____. MEC; INEP. **Notas estatísticas do censo escolar 2014**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

_____. MEC; INEP. **Censo escolar da educação básica: notas estatísticas 2016**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

NERI, M. C. **O Tempo de Permanência na Escola e as Motivações dos Sem-Escola/** Coordenação Marcelo Côrtes Neri. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

PARO, V. H. **Administração escolar: Introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRENOUD, Phillipe. **A pedagogia na escola das Diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.



SANTOS, Elaine Janaína Souza dos. **A evasão escolar no ensino fundamental nas Escolas Públicas no município do Rio de Janeiro: Aspectos econômicos e sociais.** 2001. 42 f. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização Lato Sensu Docência do Ensino Fundamental e Médio, Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2001.

QEDU. **Taxas de Rendimento 2016:** Conheça a proporção de alunos com reprovação ou abandono em 2016 segundo indicadores do INEP. 2016. Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/brasil/taxas-rendimento>>. Acesso em: 23 dez. 2019.